

# Anarquistas no Brasil: a colônia Cecília de Giovanni Rossi e o Socialismo Experimental

**Elaine Alves Barbosa**

Graduada em História pela Universidade Bandeirantes de São Paulo; especialista em História, Sociedade e Cultura – PUC-SP.  
E-mail: barbosaelainealves@gmail.com

## Resumo

O presente artigo desenvolve a análise sobre o socialismo experimental, criado por Giovanni Rossi, e implantado no Brasil no final do século XIX, através da comunidade experimental Colônia Cecília. O breve episódio histórico da Colônia Cecília, criada na cidade de Palmeira – Paraná em 1890, é o marco inicial da representação do Anarquismo no Brasil e na América Latina e o primeiro experimento socialista, fato fortemente ligado à imigração de classes proletárias italianas. A Colônia Cecília não dispunha de uma organização social, regulamentos ou chefes, levava um cotidiano de vida comunitária e rude, onde o trabalho era difícil e a comida escassa, o que ocasionava desentendimentos entre os colonos, acentuando os resquícios de egoísmo da família tradicional burguesa, que era considerada o maior inimigo da nova vida social em liberdade anárquica.

## Palavras -Chave

Colônia Cecília; Socialismo experimental; Giovanni Rossi; Anarquismo no Brasil.

## Abstract

The present paper develops an analysis about the experimental Socialism, created by Giovanni Rossi, and deployed in Brazil in the late 19th century, by the experimental community Colônia Cecília. The brief historical episode of the Colônia Cecília, introduced in the city of Palmeira – Paraná in 1890, is the starting point of the representation of Anarchism in Brazil and Latin America and the first socialist experiment, which is strongly linked to the immigration of Italian proletarian classes. Colônia Cecília lacked a social organization, regulations or leaders, with a rude and communitarian routine, where the work was hard and food scarce, which caused disagreements between colonists, accentuating the remains of selfishness of the traditional bourgeois family, which was considered the greatest enemy of the new social life in anarchic freedom.

## Key-words

Colônia Cecília; experimental Socialism; Giovanni Rossi; Anarchism in Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

O italiano de Pisa, Giovanni Rossi (1856-1943), membro de uma família tradicional burguesa, engenheiro agrônomo e médico veterinário, foi contemporâneo às mudanças ideológicas e sociais ocorridas na Europa no final do século XIX, ocasionadas pelo avanço perverso do capitalismo decorrente da Revolução Industrial.

Em contato com a confrontação teórica e política, do Socialismo de Karl Marx ao Anarquismo de Mikhail Bakunin, proporcionada internamente na Associação Internacional dos Trabalhadores, Rossi conceitua a teoria que seria a base para o que denominou de “socialismo experimental”.

Baseado nos fundamentos do socialismo experimental, um romance utópico é escrito, tendo como personagem principal Cecília. O idealista descreve um lugar imaginário, *Poggio al Mare*, uma comunidade socialista organizada anarquicamente que faria a miséria e o atraso do campesinato italiano desaparecer.

O socialismo experimental, é implantando inicialmente em uma fazenda de Cremona, sobre a criação de uma colônia agrícola, *Cittadella*, baseada em princípios libertários atemoriza os colonos que carregam consigo o individualismo e o conservadorismo, fato que a faz se tornar simplesmente uma sociedade coletivista.

A decepção com *Cittadella*, faz Giovanni Rossi conceber a ideia de partir para uma das duas colônias coletivistas fundadas na América do Norte, e após sugestão de alguns companheiros, decide fundar uma nova colônia para a experimentação socialista na América do Sul.

O Brasil enfrentava a transição do governo monárquico de D. Pedro II para a República dos militares, além do fim do escravismo para a mão de obra livre e barata. Esse cenário histórico e social recebe Giovanni Rossi e os pioneiros para a implantação da Colônia Cecília (1890-1894), na cidade de Palmeira – Paraná.

O objetivo deste artigo é descrever o socialismo experimental de Giovanni Rossi e a implantação da primeira representação do Anarquismo no Brasil através da criação da Colônia Cecília.

## 2 A ITÁLIA QUE ENVIOU OS ANARQUISTAS

A história da Colônia Cecília fundada em 1890, por Giovanni Rossi na cidade de Palmeira – Paraná, é a primeira representação do Anarquismo<sup>1</sup> italiano no Brasil e na América Latina e o primeiro experimentalismo social. Esse fato está fortemente ligado à imigração de classes proletárias da Itália, vindas com a promessa de melhores condições de vida em uma nação recém liberta do escravismo e posteriormente de uma monarquia.

Giovanni Rossi refletia as preocupações sociais da Itália e da Europa do final do século XIX, procurava por métodos anárquicos combater as explorações capitalistas ao trabalhador braçal, melhorando as condições de trabalho e disciplinando de baixo para cima as atividades desenvolvidas valorizando o indivíduo e sua produção.

A Itália passava pelo processo de unificação de seu território, que implicava na expulsão do Império dos Habsburgos, ao qual a maior parte do norte da Itália pertencia. Essa luta pela unificação foi

tardia, com guerras que duraram entre 1859 a 1870, agregava grupos de trabalhadores urbanos e rurais além da burguesia nacional a favor da anexação de cidades, como Veneza e Roma, e a criação de uma identidade cultural entre o povo italiano.

Os problemas econômicos afetavam diretamente as classes desprivilegiadas da região sul, que era agrícola e pobre, muitos migraram para o norte da Itália, que era modernizada, em busca de trabalho nas indústrias, ocasionando o esvaziamento do campo e períodos de escassez, além do aumento do desemprego nas cidades industriais.

Essas transformações econômicas e políticas, ocasionadas pelo avanço desenfreado do capitalismo pelo governo liberal, permitiram, segundo Bogo (2010, p. 11) “[...] mudanças ideológicas que afetaram a cultura e os valores éticos e morais também das classes exploradas”.

Nesse contexto de desigualdades sociais movimentos ideológicos, de esquerda como Anarquismo e Socialismo<sup>2</sup>, promoviam fundamentação teórica para o debate das mudanças na sociedade do século XIX. Essas novas doutrinas sociais e políticas não eram expostas somente no campo teórico mas sim praticados em congressos, principalmente aqueles conhecidos como “Internacionais”<sup>3</sup>.

Giovanni Rossi, contemporâneo à esses fatos, dedica toda sua vida política e grande parte da produção de seus artigos em prol de um projeto de vida comunitária. Em 1873, aos 17 anos e ainda como estudante de veterinária, ingressa em Pisa, na Associação Internacional dos Trabalhadores onde apresenta uma detalhada proposta para a fundação de uma Colônia Socialista na Polinésia, a qual foi arquivada.

Muitos desses artigos e projetos foram publicados na imprensa italiana, anarquista e socialista, outros apresentados em associações, federações e partidos políticos. Essas publicações e apresentações tinham por objetivo a propaganda de seu projeto de comunidade, contudo não atraiu simpatizantes nos meios políticos e nem o apoio de anarquistas e socialistas:

A atividade de Rossi é completamente marginal no contexto político italiano da época. De fato, por mais que ele seja exposto, como todos os membros da Internacional no último quarto do século XIX, às repressões que assolavam então a Itália, Giovanni Rossi fica à margem do grande debate político que divide socialistas e anarquistas e propõe uma terceira via, científica esta, para resolver o problema social, a do “socialismo experimental”. A posição de Rossi não atraiu simpatizantes nos meios políticos italianos. Nem socialistas, nem anarquistas o apoiaram verdadeiramente, tanto durante os anos que ele passou na Itália, como durante a experiência da Cecília. [...] (FELICI, 1998, p. 10)

### 3 O SOCIALISMO EXPERIMENTAL

Em 1878, sobre o codinome de Cardias, Giovanni Rossi escreve seu romance utópico, *Un Comune Socialista*, no qual procura expor argumentos para persuasão de uma experiência de vida socialista, conceituando as bases teóricas de seu socialismo experimental. Para ele as condições necessárias para uma nova sociedade são resumidas em: “anarchia nelle relazioni sociali; amore nella famiglia; proprietà collettiva dei capitali; distribuzione gratuita dei prodotti nell’assetamento economico; negazione di Dio in religione”<sup>4</sup>.

Giovanni Rossi na apresentação do seu socialismo experimental, discorre sobre cada

conceito, que constituem os pilares de sua doutrina, em suas teses junto às utopias e experiências de uma nova vida social durante toda sua trajetória e tendo sempre como meta diminuir os males e aumentar os bens sociais, através do reencontro dos meios públicos e adequados.

A Anarquia é para Rossi (1878, p. 6) “[...] a verdadeira liberdade, a liberdade plena, completa, [...]” do indivíduo, que acabaria com qualquer tipo de autoridade através da manifestação da vontade individual de cada um na coletividade. Essa verdadeira liberdade colocaria um fim ao poder burguês e implantaria a destruição do Estado, desta forma a individualidade humana estaria definitivamente livre e anarquicamente associada.

A instituição familiar tradicional, segundo Rossi (1878, p. 8) “é o grande viveiro de egoísmo, onde o instinto de propriedade individual renasce por amor paterno”. O vínculo matrimonial através de interesses, compromissos e libidinagem são “casos de pura prostituição”.

O amor para Rossi (1878, p. 10) deve ser “o único vínculo que une a mulher ao homem e que, cessado este, a união seja considerada como uma torpeza moral”. O amor livre entre dois ou mais homens com uma mulher, o casamento poliândrico, é defendido como fonte de honestidade e dignidade, sendo natural do ser humano “querer bem, ao mesmo tempo, a várias” pessoas. O adultério é para ele a “forma de amor livre menos digna”, hipocritamente tido como comum na sociedade familiar burguesa.

A propriedade privada e o direito à herança são instrumentos de usurpação, a propriedade coletiva é a única capaz de oferecer a justiça social. O patrimônio social foi criado por gerações passadas e não deve ser dividido, pois é entendido como o

direito da humanidade, e como ente coletivo.

A religião é classificada por Rossi (1878, p. 12) como “falsa e oportunista, [...] e que a ciência positiva combate a ideia de deus”, estabelecendo dessa forma as raízes anárquicas. Essa negação atingiria a “inovação social, econômica e política” no seio da coletividade que teria toda “liberdade de pensamento” antes de tudo.

Giovanni Rossi, desta maneira expõe minuciosamente o seu “socialismo experimental”, acredita que o seu dever é o de “conclamar a humanidade inteira” e derrubar o obstáculo, que são os burgueses “presunçosos, irascíveis e intolerantes”, para tomar o mais rapidamente possível a “iniciativa da Revolução Social, que da face da terra fará desaparecer tanta desventura, conduzindo-vos à paz, ao bem estar, à igualdade e à liberdade”. (ROSSI, 1878, p. 13)

## 4 POGGIO AL MARE

Após a introdução para o seu socialismo experimental, em *Un Comune Socialista*, Rossi se dedica a descrever um lugar imaginário localizado no litoral do Mar Tirreno, onde Cardias teria chegado em *Poggio al Mare*, que é narrado como uma comunidade socialista e organizada anarquicamente recém saída dos princípios burgueses e transformada sob a vigência de uma vida socialista libertária, no qual a liberdade individual era preservada, o lucro abolido e o modo de vida confortável, alegre, saudável e digno, ambiente que faria a miséria e o atraso do campesinato italiano do final do século XIX desaparecer.

Essa organização anárquica foi montada com base na constituição de Associações de Artes

e Ofícios (guilda), cabendo aos trabalhadores escolherem livremente a atividade mais adequada ao seu ofício e associação profissional que desejam integrar. Cada associação reúne seus membros e proporciona discussões sobre assuntos concernentes às suas atividades, que são avaliadas em assembleia geral.

O trabalho em *Poggio al Mare*, é igual para todos e cada associação distribui sob custódia a infra-estrutura necessária para a execução de suas atividades, como terrenos, animais e instrumentos para lavradores, oficinas e lojas para tecelões. Todos os trabalhadores podem exercer outras atividades que pertencem às diferentes associações, como *L'Associazione degli sterratori* (Associação de escavadores) e *L'Associazione dei mattonai* (Associação de moleiros).

Não há moeda corrente circulando na comunidade de *Poggio al Mare*, sua produção interna é consumida e apenas o excedente vendido para o exterior, a receita adquirida custearia despesas que a comunidade necessitasse, como produtos, ferramentas, matérias primas, serviços contratados, entre outros.

O desenvolvimento utópico de Rossi cria um novo mundo onde os indivíduos, após absorverem os princípios anarco-comunistas<sup>5</sup>, tornam-se virtuosos de bondade deixando a criminalização e a marginalização social desaparecer. O sonho igualitário moral e social sobrepõem-se aos desejos de riquezas, causador das desigualdades, todos devem ter à sua disposição meios para desenvolver gosto pelas artes e literatura, além do conforto material usufruído pela classe burguesa.

*Un Comune Socialista* é encerrado através de um sonho que Cardias relata para a personagem principal,

Cecília, sobre uma Itália socialista organizada em toda sua extensão territorial:

Aquela noite sonhei a Itália organizada sob o Socialismo. Nas suas oito mil comunas, nas suas centenas de cidades. No dia seguinte contei o sonho a Cecília.

- Escreva-o me disse.

- Para que? Respondi-lhe.

“Escrever, minha querida, É um ócio cansativo” (V. Goethe, Gøetz di Berlichingen).

- Tenho a convicção de vê-lo realizado. (ROSSI, 1878, p. 83)

## 5 CITTADILLA

Giuseppe Mori, então membro do Parlamento Nacional da Itália e esquerdista crítico com as questões sociais dos italianos proletários, estudava a possibilidade de transformar sua fazenda, localizada em Stagno Lombardio – Cremona, em uma cooperativa de camponeses com a criação de uma colônia agrícola. O encontro com Giovanni Rossi acontece em meados de 1886, onde ambos iniciam discussões para a instalação de uma colônia anaco-socialista.

Rossi acreditava que as cooperativas de trabalhadores eram instituições de passagens e a criação de uma colônia agrícola cooperativista atuaria como uma etapa preparatória para uma colônia anaco-socialista:

[...] as cooperativas de trabalhadores eram por ele aceitas como instituições de passagem, distantes das clássicas organizações burguesas capitalistas e mais próximas das concepções socialistas. Entendia Rossi que os trabalhadores, em regime de cooperação, seriam mais facilmente doutrinaados para a aceitação dos princípios anarco-socialistas. [...] (MELLO NETO, 1998, p. 79)

Em 11 de novembro de 1887, é instalada a assembleia geral para discussão e aprovação do Estatuto Orgânico da Associação Agrícola Cooperativa de *Cittadella*, esse estatuto, de princípios libertários, assusta os colonos, que, apesar de todos os esforços de convencimento das vantagens de uma vida ácrata, resistem gerando modificações que a tornaram simplesmente uma sociedade coletivista que não serviria, mais tarde com sua extinção dois anos depois, como exemplo de vida socialista.

Decepcionado, de certa forma com *Cittadella*, Rossi em 1888, empenha-se em constituir na Província de Parma a *Unione Lavoratrice per la colonizzazione sociale in Italia*, com o propósito de colonizar terras e organizar socialmente a propriedade, o trabalho e o convívio dentro de uma colônia experimental que substituiria o regime assalariado. Em um pequeno povoado de Torricella trabalhadores rurais explorados, incluindo mulheres e crianças, aderem aos princípios socialistas e formam uma associação, esses trabalhadores expulsos pelos antigos exploradores, uniram-se em um pequeno núcleo habitacional que além de moradia, servia como sede social e abrigo para armazenamento de alimentos.

Em acordo com Mori, Rossi volta a *Cittadella* com os trabalhadores rurais de Torricella, tendo a intenção de criar um núcleo socialista e atrair maior número de cooperados para adaptarem-se à vida solidária com a extinção da propriedade privada, socializando o trabalho e a convivência. Rossi e Mori tentaram mais uma vez eliminar todo o resíduo individualista e conservador que prevaleceu na associação cooperativista, encontrando novamente forte resistência dos membros. Pressionado Rossi se afasta de *Cittadella* e Mori propõe a dissolução da associação, fato que não há indícios da data precisa

de seu fim. Rossi considerou esse fato como um dos piores momentos na tentativa de implantação do seu socialismo experimental:

A tentativa do núcleo socialista não foi bem recebida pelos demais membros da cooperativa. É o próprio Rossi quem relata: “O pior foi que os bons habitantes de *Cittadella*, que em geral moravam ali há muitos anos, suspeitavam que se quisesse, gradualmente, eliminar a todos, substituindo-os depois por elementos socialistas. Como me consideravam o incitador de Mori e como quando não se pode golpear o cavalo se golpeia a sela, dirigiram contra mim uma luta unida e injusta que eu, em minha vida, jamais favorecido pela sorte, nunca passei por período tão penoso”. (MELLO NETO, 1998, p. 88)

## 6 O EMBARQUE PARA O NOVO MUNDO

Após a decepção com *Cittadella*, Giovanni Rossi cogita ir para uma das duas colônias coletivistas fundadas recentemente na América do Norte, Kaweah na Califórnia e Sinaloa no México. Achille Dondelli e outros companheiros sugerem a fundação de uma nova colônia na América do Sul, em um primeiro ensaio o Uruguai seria o destino para a nova experimentação socialista:

Quando ele considera a possibilidade de partir para o Novo Mundo, não é no Brasil que Giovanni Rossi pensa em se transferir em um primeiro momento: em dezembro de 1889, ele anuncia em *L'Eco del Popolo*, de Cremona, que pretende partir para o Uruguai. Alessandro Cerchiai afirma que “ele foi impedido pela eterna revolução entre ‘Blancos y Colorados’”. (FELICI, 1998, p.12)

Um grupo de pioneiros é criado e apenas alguns interessados partem na frente para escolha do melhor lugar adaptável para o seguimento do sonho utópico de *Poggio al Mare* e implantação de uma vida socialista livre de autoritarismos e injustiças sociais, diferente de *Cittadella*, ao qual Rossi (1891, p. 86) a definia como “uma prova imperfeita que não correspondeu às minhas esperanças”.

Amigos e simpatizantes ajudam financeiramente o novo projeto, facilitando a viagem e auxiliando a instalação da nova colônia socialista, que até aquele momento seria no Uruguai:

Pois bem, em começo de 1890, ficou estabelecido que uns poucos pioneiros iriam para a América do Sul com a finalidade de escolher o lugar adequado para fundar a colônia socialista; os outros companheiros nos alcançariam conforme as notícias que enviássemos. Não havia, e nem queríamos que houvesse, um programa organizacional preestabelecido. Procuraríamos, por via experimental, uma forma de convivência social que respondesse da melhor maneira possível às nossas aspirações de liberdade e de justiça. [...] (ROSSI, 2000, p. 22)

No dia 20 de fevereiro de 1890, iniciam a travessia intercontinental com destino ao Brasil, Giovanni Rossi e os pioneiros: Cattina e Achille Dondelli, Evangelista Benedetti, Lorenzo Arrighini e Giacomo Zanetti, partindo do porto de Gênova no *Città di Roma*, um navio mercante adaptado para transporte de passageiros, chegando após dezoito dias de viagem à baía do Rio de Janeiro.

Rossi e os pioneiros são abrigados no alojamento dos imigrantes, a Hospedaria da Ilha das Flores, e após uma semana partem em direção a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, mas devido ao mal estar de alguns membros decidem finalizar o percurso

no porto de Paranaguá, Paraná, iniciando a busca de terras para a fundação da colônia de experimentação socialista:

Nós deveríamos ir a Porto Alegre, mas dois dos nossos companheiros sofriam de tal maneira do mal de mar que decidimos poupar-lhes os outros cinco ou seis dias de navegação e descer aqui, para fundar a nossa colônia socialista em alguma parte do Paraná, que sabíamos com clima ameno e saudável. (ROSSI, 2000, p. 29)

Na Inspeção de Terras e Colonização, os pioneiros conhecem as terras disponíveis do estado para colonização, Giovanni Rossi e Evangelista Benedetti se encaminham para reconhecimento do terreno no distrito de São Mateus, e após dois dias de viagem decidem ocupar a “jovem cidadezinha de Palmeira”<sup>6</sup>, localizada a 100 Km de Curitiba.

A cidade de Palmeira foi escolhida mais pelas circunstâncias do que pela vontade dos pioneiros, as condições naturais favoráveis do terreno e o preço baixo do hectare de terra, entre 10 e 20 libras italianas, foram aspectos determinantes para a instalação do grupo.

## 7 O BRASIL QUE RECEBEU OS ANARQUISTAS

O Brasil na segunda metade do século XIX, governado pelo Imperador D. Pedro II<sup>7</sup> (1840-1889), o mais longo da história brasileira, enfrentava os desafios estabelecidos pelo capitalismo industrial e financeiro para estabelecer sua soberania política e econômica.

A economia impulsionada pela exportação do café, que era desenvolvida principalmente na região

sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais), alimentava a ganância dos grandes proprietários rurais, que passaram a utilizar em grande escala a mão de obra escrava. Nesse período uma nova classe social surge no Brasil, os barões de café do Vale do Paraíba e d'Oeste paulista, que sustentavam o governo imperial e possuíam grande influência política.

A elite do café, e toda influência política que exercia no Imperador, resistia em cessar o tráfico negreiro, que somente em 4 de setembro de 1850, após coação da Inglaterra e sobre ameaças de uma guerra de extermínio, oficializou a *Lei Eusébio de Queirós* que eliminou o tráfico de escravos no Brasil. Após vinte anos da extinção do tráfico de escravos, a *Lei Áurea* foi promulgada e a escravidão extinta.

O fim do tráfico negreiro, fez com que a elite buscasse uma solução para suprir a mão de obra escrava, encontrando na imigração de colonos vindos da Europa uma alternativa. Em princípio, foi adotada a “colônia de parceria”, onde o fazendeiro “repartia” o dinheiro da venda do café com os colonos, porém essa experiência não foi bem sucedida, pois a dívida adquirida pelos colonos, com o preço da passagem, paga pelo fazendeiro, além de despesas com alimentação, acrescida de juros, nunca poderia ser paga. Na verdade, a “parceria” se resumia no antigo escravismo por dívida, o que gerou revolta entre os colonos enganados.

A elite também procurou dificultar o acesso à terra para indivíduos com poucos recursos e dessa forma forçar a servidão e exploração da mão de obra dos desprivilegiados. A imigração europeia só se tornou uma solução definitiva quando o governo da província de São Paulo assumiu os encargos e desonerou os fazendeiros.

Em 1888, a imigração já era maciça com

a vinda de aproximadamente 93 mil colonos. O regime de trabalho era o colonato, onde cada família recebia um pagamento fixo no trato do cafezal, um pagamento variável, conforme a colheita e a produção direta de alimentos:

O colonato veio substituir a experiência fracassada da parceria. Os colonos, ou seja, a família de trabalhadores imigrantes, se responsabilizavam pelo trato do cafezal e pela colheita, recebendo basicamente dois pagamentos em dinheiro: um anual, pelo trato de tantos mil pés de café, e outro por ocasião da colheita. Este último pagamento variava de acordo com o resultado da tarefa, em termos de quantidade colhida. O fazendeiro fornecia moradia e cedia pequenas parcelas de terra onde os colonos podiam produzir gêneros alimentícios. [...] (FAUSTO, 2001, p. 159)

Os desentendimentos diplomáticos com a Inglaterra, *Questão Christie* (1861), e conflitos militares com os vizinhos sul-americanos, *Guerra contra Oribe e Rosas* (1851), *Guerra contra Aguirre* (1864) e a *Guerra do Paraguai* (1865-1870), abalam os fundamentos do Império, a escravidão, e levam a monarquia ao declínio, que perde o apoio dos escravocratas e da elite latifundiária.

As críticas contra a escravidão introduziram os ideais republicanos, que se propagaram rapidamente, intensificando a conspiração comandada pelo marechal Deodoro da Fonseca, e no dia 15 de novembro de 1889, proclama a República. Sem o apoio das elites latifundiárias, a família real é exilada para a Europa e no Brasil se institui o Governo Provisório (1889-1894), composto por membros do Exército, das oligarquias e das classes médias, e tinha como principais metas: a consolidação da República federativa, aprovação de uma Constituição<sup>8</sup> e reformas administrativas.



## 8 A COMUNIDADE ANARQUISTA EXPERIMENTAL

Aos primeiros dias de abril de 1890, a Colônia Cecília inicia sua história e seu experimentalismo socialista em terras onde o clima era ameno e os campos contornados por matas. Em uma casinha de madeira abandonada os pioneiros a fazem de moradia coletiva, montando camas de capim seco e madeiras, improvisam um fogão à lenha e com tiros de espingarda arranjavam algo para comer, desta forma ela nasce:

A Colônia Cecília nascia pobre, sem assistência, sem discursos, sem aplausos; seu idealizador, muito provavelmente, fez desfilir em pensamento todas as etapas vividas, desde Poggio al Mare, criada com todo o vigor de sua adolescência idealística, passando pelas lutas enfrentadas dentro das próprias associações partidárias a que pertencia, pelas incompreensões e injustiças partidas de autoridades públicas, pela lembrança do intenso trabalho jornalístico e doutrinário exercido durante anos e sempre voltado para o mesmo objetivo, pela experiência de Cittadella e de seu núcleo socialista, considerada como incompleta, pela arregimentação em Torricella de Sissa, que não passou de um projeto, enfim, por toda uma existência dedicada a um único ideal: provar na prática a exequibilidade de suas teorias. [...] O monólogo ruminado intimamente na solidão da noite deveria conter lembranças da organização proposta em Poggio al Mare, comparando-a com a disposição definida às vésperas do embarque: “Não tínhamos, nem queríamos ter, programa estabelecido de organização. Procuraríamos, experimentalmente, uma forma de convivência social que correspondesse da melhor maneira possível às nossas aspirações de liberdade e de justiça”. (MELLO NETO, 1998, p. 137-138)

Nos primeiros seis meses da Colônia Cecília, uma nova casa foi construída, além de uns poucos móveis para o provimento e uma cozinha coletiva, formaram uma pequena horta com vinhas, feijão e batatas. O trabalho desenvolvido nesse período é bastante significativo, pois a maioria dos pioneiros não possuíam experiências nessas atividades e alguns não se adaptavam à trabalhos pesados e outros poucos não tinham a mínima vontade de trabalhar. A colônia não dispunha de uma organização social, regulamentos ou chefes e as decisões eram tomadas de comum acordo.

Na edição de 1891, de *Un Comune Socialista*, Giovanni Rossi consagra a viagem dos pioneiros, se referindo com entusiasmo aos problemas administrativos e aspectos negativos do cotidiano da Colônia Cecília. A vida levada na comunidade é rude, o trabalho é difícil, a comida escassa, porém a vida comunitária, apesar de alguns “incidentes desagradáveis” desenvolve-se de maneira satisfatória “sem regulamentos e nem chefes”. A edição desse texto serve para sua campanha de propaganda e recrutamento:

A publicação desse texto é um elemento da campanha de propaganda à qual se dedica Rossi no fim de 1890, quando ele volta para a Itália. Ele desembarca em Gênova, [...] com a intenção de recrutar colonos novamente, uma vez que as cinquenta famílias que haviam prometido alcançar os pioneiros em julho de 1890 não mantiveram a palavra. Pleno de detalhes concretos sobre o local que acolhe sua colônia experimental, da qual ele compartilhou a vida de abril a setembro ou outubro de 1890, Giovanni Rossi põe todo o seu esforço para obter apoio e recrutar novos colonos nas cidades que ele atravessa. [...] (FELICI, 1998, p. 17)

Os novos colonos recrutados por Rossi, chegam ao Brasil no início de 1891, totalizando 35 famílias e alguns solteiros vindos das cidades de Pisa, Cecina, Livorno, La Spezia, Turim, Brescia, Gênova, Florença, Poggibonsi, La Spezia e Milão. Francesco e Argia Gattai, os avós paternos da escritora brasileira Zélia Gattai, estavam à bordo do navio que embarcou no dia 10 de março de 1891.

No livro *Anarquistas, Graças a Deus*, Zélia Gattai<sup>9</sup> (1916-2008), nos relata de forma detalhada, sutil e comovente a viagem de seus avós com cinco filhos rumo à Colônia Cecília. Os capítulos dedicados ao testemunho oral de seus antecedentes, nos narra o entusiasmo pela mudança de vida dos colonos à caminho de uma terra desconhecida, a difícil e longa viagem no porão do navio, a tragédia que assolou sua família, com a morte da filha caçula Hiena Gattai, e a chegada na colônia:

[...] No porão do “Città di Roma”, junto às caldeiras, viram-se amontoados os pioneiros que, em breve, estariam integrando uma comunidade de princípios puros: a “Colônia Cecília”. Iam cheios de esperanças, suportariam corajosamente as condições infames da viagem. [...] Com o correr dos dias a situação dos Gattai foi se agravando: grudada aos peitos da mãe, ora num, ora noutro, Hiena só os largava para reclamar, chorando desesperadamente. Onde estariam aquelas tetas fartas, transbordantes? Elas iam diminuindo, murchando, cada vez menos a quantidade de leite para saciar sua fome. [...] Um médico do grupo chegou-se, aproximou-se e sem examinar a criança diagnosticou: fome.

[...] Num carroção de quatro rodas, com suas trouxas de roupa e alguns pertences, passou a família Gattai por Santa Bárbara: marido, mulher e quatro filhos. [...] Ao alto de uma colina, por entre os pinheirais, divisava-se, hasteada ao alto de uma palmeira, enorme bandeira vermelha e preta. Era a bandeira da

“Colônia Cecília”, saudando a chegada dos novos pioneiros.

Ao divisar a bandeira da “Colônia”, nono Gattai olhou mais alto e exclamou: “Lá estão eles!” Ali estava o acampamento: um grande barracão erguido junto a um córrego, pequenas barracas em construção, homens movimentando-se para cima e para baixo, um pedaço de terra já limpa para o cultivo ao lado de um pequeno bosque. Nona Argia voltou a cabeça em direção ao dedo estirado do marido. Seus olhos distantes não divisaram nada. Sua alegria, sua esperança, seu entusiasmo ainda permanecia lá longe, enterrados ao lado do corpinho da filha. [...] (GATTAI, 1985, p.154-157)

A população da Colônia Cecília atinge em 1891, entre 150 a 200 colonos, fato tido para Rossi como desastroso, pois a maioria eram operários da indústria que não possuíam habilidades para o trabalho rude como eram habituados os pioneiros. Nesse período a colônia enfrenta seu pior momento: a miséria se instala e torna a vida comunitária insuportável. Desentendimentos entres os colonos se acentuam e os resquícios de egoísmo burguês de algumas famílias são explícitos, onde parentes eram favorecidos quanto às refeições enquanto outros jejuavam:

De janeiro a junho de 1891, a Cecília recebeu uma população acima de sua capacidade. A ausência de Rossi foi sentida. Enquanto propagava suas ideias na Itália e arregimentava novos adeptos, muitos dos que aqui chegavam, rapidamente se desiludiam e contribuíram para o desfalecimento da experiência. Os desentendimentos se multiplicavam. A sua população, que já ultrapassava o número de 200 pessoas, reagia ao desconforto dos alojamentos e à carência de viveres. Sem o ideólogo, sem o doutrinador, eram esquecidos ou simplesmente afastados os princípios libertários. Alguns grupos tentaram impor-

se e decretavam ordens; outros recusavam-se a exercer tarefas simples e rotineiras, porém essenciais. (MELLO NETO, 1998, p. 153-154)

A Colônia Cecília encerra sua primeira fase com desentendimentos internos, sete famílias abandonam a experimentação, com o propósito de reconstruírem uma nova colônia com elementos melhores, dentre elas duas que se estabeleceram com os pioneiros, e que ao se retirarem levaram consigo o pouco que ainda restava das economias, além de animais que foram repartidos entre eles.

A primeira crise da colônia não aconteceu por causa da miséria, mas sim dos sucessivos erros cometidos pelos colonos, aos quais todos se diziam anarquistas, porém, segundo Rossi (2000, p. 68) “naquele período a anarquia era mal compreendida e foi intelectualmente substituída”. Em carta enviada aos seus familiares em outubro de 1891, Rossi relata:

[...] Não é verdade que a crise tenha acontecido por causa da miséria, porque, uma vez pagas todas as dívidas, as contas ficaram equilibradas, sem falar dos animais de criação (do valor de mil libras mais ou menos), dos quais se é abusivamente, mas legalmente, apropriado o grupo das primeiras famílias que chegaram no local. É verdade que a família Dondelli se havia imposto e fazia a lei, mas as pessoas de Cecina, assim como as outras, ao invés de eliminá-la, a idolatravam. É verdade que alguns comeram até a barriga estourar e fizeram provisões de alimentos por dois ou três dias.[...] É verdade que, nos últimos dias, a fome tinha se feito sentir novamente, mas não porque os meios faltavam, e sim porque o indispensável Dondelli não tomava providências a tempo de fazer as compras, porque as chuvas haviam estragado o moinho e porque as mulheres se recusavam a limpar os utensílios de cozinha e os homens se recusavam a levar a água para a polenta. É bem a prova que a

culpa foi dos colonos e não da Colônia. [...] (FELICI, 1998, p. 21 apud ROSSI, 1891)

O renascimento da Cecília, logo após a crise, se deu graças ao idealismo e coragem dos jovens: Cini Egisto (Egizio), Giuseppe Zerla, Jean Géléas, Giuseppe Maderna, Antonio Massa, Luigi Silano e Jean Saint-Pierre, que com entusiasmo reorganizaram a colônia experimental. Restaurando a Anarquia, corrigiram os erros vividos, derrubaram o parlamentarismo e a ditadura, o grupo se torna “absolutamente inorganizado”, sem regras, pactos, cargos sociais, horários ou regulamento, as qualificações de diretor, dono ou feitor, “que na sociedade burguesa são cobiçadas, eram apelidos injuriosos que todos buscavam não merecer”. (ROSSI, 2000, p. 68). Logo juntaram-se aos jovens quatro famílias da dissolvida colônia e Giovanni Rossi que retorna da Itália em julho do mesmo ano.

A Colônia Cecília, no decorrer dos próximos quatro meses após sua restauração, conta com uma população estimada entre 20 ou 30 colonos e somente Giovanni Rossi resta do primeiro grupo de pioneiros de 1890. O repovoamento da colônia se inicia em novembro de 1891, com a chegada de dois grupos de camponeses vindos da província de Parma:

Em novembro de 1891, chegaram, em dois grupos sucessivos, várias famílias de camponeses. O primeiro grupo, instigado por ex- colonos, um pouco assustado com a vivacidade dos anarquistas e, fundamentalmente, atraído pela esperança da propriedade individual, permaneceu poucos dias na colônia, transferindo-se em seguida para outra região, onde cada família se assentava por conta própria. O segundo grupo, que chegou uns dias depois, ficou e deu um grande impulso aos trabalhos agrícolas. (ROSSI, 2000, p. 70)

Com o fim do ano a Colônia Cecília alcança seu segundo ano de criação enfrentando dificuldades, muitas das quais sufocaram os princípios do socialismo experimental que a fizera nascer. A luta dos colonos pela sobrevivência, em muitos momentos, sobrepujaram o ideal de Anarquia, o que resultou na continuidade da família monogâmica tradicional, que preservara comportamentos burgueses contrapondo o ideal de “amor livre” defendido por Rossi.

As condições materiais da Cecília não melhoraram no início do ano, apesar de todos os esforços dos camponeses, e nos primeiros dias de 1892, uma turma numerosa trabalha na estrada de ferro do Paraná para suprir as necessidades do cotidiano da colônia. Até o próprio Rossi começa a exercer o ofício de veterinário e magistério remunerados na cidade de Castro. Essa nova crise instaurada resulta no abandono de novas famílias, estima-se que entre abril e maio não havia mais que 40 pessoas na colônia, nesse momento é retomado os esforços de propaganda para a vinda de novos colonos com a publicação de uma série de novos artigos nos jornais: *Critica Sociale*, *Verona del Popolo* e *La Révolte*.

Um episódio de roubo envolvendo colonos que partiram da Cecília em 1891, compromete a boa reputação que a colônia tinha, diminuindo desta forma a simpatia e o respeito que tinham com as autoridades brasileiras, após esse fato os colonos da Cecília são tratados como subversivos e provocadores de motim, sendo acusados de “serem os incitadores de uma sublevação de colonos poloneses e italianos da região de Palmeira, que não receberam o dinheiro que lhe era devido há meses”. (FELICI, 1998, p. 26)

## 9 UM AMOR ANARQUISTA

No final do ano de 1892, a Colônia Cecília recebe novas famílias de colonos, totalizando 64 pessoas, nesse novo grupo estavam o casal Elèda (Adele) e Annibale. Giovanni Rossi havia conhecido Elèda no ano anterior em uma conferência pública em Curitiba, na qual expusera idéias sobre o “amor livre”. Entrevistando-a posteriormente, Elèda se demonstrou interessada em participar da implantação do amor livre no experimento de Rossi:

[...]Em novembro de 1892, uma jovem mulher, que Rossi havia encontrado em uma conferência que ele realizou em Curitiba, Adele/Elèda, chega na Cecília com seu companheiro Annibale.

Entre Rossi e esta jovem mulher, sempre evocada em termos muito elogiosos, nasce logo uma grande simpatia recíproca. Annibale, que é consultado, deixa Elèda se juntar à Cardias na sua casinha. Não é sem choros, nem sofrimentos que se estabelece essa “família poliândrica”. [...] (FELICI, 1998, p. 29)

Rossi, novamente sobre o codinome de Cardias em 1893, publica: *Cecilia, comunità anarchica sperimentale*, com uma segunda parte, *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecilia*, dedicado à experiência de “amor livre”, onde são estudados os comportamentos das três pessoas envolvidas na fixação da família poliândrica: Annibale, Elèda e o próprio Rossi.

A notícia sobre o episódio de “amor livre”, nas palavras de Rossi (2000, p. 97) foi “recebida com um sentimento de grata surpresa, turvado apenas pelo receio de que Annibale, apesar de sua inteligência e de sua bondade, viesse a sofrer”, a Colônia Cecília aceita no seu cotidiano a prática do “amor livre”:

[...] Poucos dias depois, os demais companheiros ficaram sabendo de nossa iniciativa de amor livre. Quanta delicadeza, quanta lealdade e quanta renúncia eram necessários para vencer um dos mais respeitados e ferozes preconceitos sociais.

Na Colônia Cecília, desde o seu início, havia sido feita a divulgação da propaganda do amor livre, entendido não como união ilegal ou casamento divorciável sem padre e sem juiz, mas como a normalidade das afeições múltiplas e contemporâneas, como verdadeira, inquestionável e factível possibilidade de liberdade de amor, tanto para o homem quanto para a mulher. (ROSSI, 2000, p. 96)

O “estudo do caso afetivo” é realizado por Giovanni Rossi através de um questionário para uma “análise psicológica”. Os “documentos humanos”, Annibale e Elèda, sequencialmente, respondem as questões, criteriosamente, que tratam das suas percepções e sentimentos desenvolvidos através da escolha que fizeram para estabelecer a família poliândrica. Os resultados que Rossi descreve, abrangem o ciúme, que em certas ocasiões é incontrolável em Annibale, e a liberdade que Elèda, na “multiplicidade contemporânea de afetos” lhe foi muito natural.

Giovanni Rossi também descreve suas percepções, na sua “própria análise psicológica”, admitindo que ama Elèda e a quer bem, assim como ama à Annibale porque Elèda é “profundamente afeiçãoada a ele e lhe é grata por seu amor”, e que se alegra quando “Elèda diz a Annibale *Vo u com Cardias* e lhe dá um beijo”. E na sua concepção “amar várias pessoas ao mesmo tempo é uma necessidade da condição humana”. (ROSSI, 2000, p. 108-110)

A experiência de “amor livre” desafiava e insultava a moral vigente, desrespeitando a fé e os bons costumes. A elite intelectual conservadora,

juntamente com a Igreja Católica, teorizava contra os anarco-socialistas, alegando que as ideias de “amor livre” não passavam de “simples saciedade sexual”. Rossi, por mais seguro que fosse como cientista, foi atingido pelas críticas, e a partir dessa experimentação sempre redigia seus escritos com minuciosa análise e com exaustivas argumentações de defesa. *Un Episodio d'Amore nella Colonia Cecilia*, é também mais um instrumento de propaganda contra o inimigo secular que é a instituição familiar tradicional burguesa.

A história da família poliândrica concretiza resultados no cotidiano da Colônia Cecília, havendo um outro episódio. O “amor livre” é também, segundo Felici (1998, p. 30) um “remédio à abstinência sexual à qual são obrigados os que vieram sem companheira”. Mas as moças que chegam à colônia ainda não possuem convicções para a prática, o que leva a muitos aborrecimentos dos colonos solteiros. Desta forma, a experimentação socialista de Rossi concretiza sua última etapa:

A Colônia Cecília completava, assim, mais uma etapa – a última – para as quais a criou a mente libertária de Rossi. Viver de forma comunística, sem organização autoritária, negando a propriedade individual, não admitindo patrões, sem coerções religiosas ou de Estado; admitindo o império da justiça, todavia sem a sua profissionalização pelas regras do Direito. (MELLO NETO, 1998, p. 189)

## 10 O ANO DE 1893 E A DISSOLUÇÃO DA COLÔNIA CECÍLIA

A Colônia Cecília, no ano de 1893, inicia o final da experimentação socialista que Giovanni Rossi ao longo de sua vida tanto almejou. Fatores que levaram

a sua dissolução se dão por questões internas, como as crises financeiras e a difícil adaptação dos colonos sobre a ideologia do “socialismo experimental”, que a colônia enfrentava desde o seu nascimento, e por questões externas, a Revolução Federalista (1893-1895), entre os maragatos e os pica-paus, que atingiu a região sul do Brasil. Desta forma, é impossível sustentar que somente um acontecimento específico tenha incitado o fim da colônia:

É impossível afirmar que um acontecimento específico tenha provocado o fim da Cecília. Esse fim é devido mais a um conjunto de fatores convergentes: a miséria que a colônia sofreu ao longo de toda a sua existência, o excesso de trabalho, o ambiente econômico desfavorável, a discórdia, as incompatibilidades de gênios e as dificuldades de pôr em prática os princípios comunistas anarquistas. [...] (FELICI, 1998, p. 36)

Giovanni Rossi, deixa a Colônia Cecília em maio do mesmo ano, tentando estabelecer-se em Curitiba. Um número expressivo de colonos, também deixam a colônia rumo às cidades vizinhas que ofereciam melhores condições de vida e razoável mercado para mão de obra, outros colonos entraram na luta armada para combater ao lado dos federalistas (maragatos). Giovanni Rossi, também toma partido da luta, mas na “qualidade de capitano medico”, com a condição de não usar nenhum uniforme e de não exercer e nem se submeter a nenhuma autoridade.

No balanço que redige em Cecília, *comunità anarchica sperimentale*, Rossi avalia os anos de 1890 a 1893, dedicando-se a explicar o que foi o experimento socialista na Colônia Cecília e questionando se “as fadigas, as privações, os tormentos morais causados pelo medo do insucesso serviram para alguma coisa?”, indaga também se a existência da colônia acrescentou “um dado positivo ao patrimônio

científico da sociologia, um exemplo aos argumentos da propaganda?” (ROSSI, 2000, p. 79)

Giovanni Rossi, partindo para a resposta, esclarece que nunca foi objetivo dos que foram os iniciadores da Colônia Cecília produzir uma nova sociedade, o “pueril espécime”, e que o propósito não foi a experimentação utopista mas o estudo experimental das atitudes humanas:

Vê-se, portanto, que o nosso propósito não foi a experimentação utopista de um ideal, mas o estudo experimental – e na medida do possível rigorosamente científico – das atitudes humanas em relação aos problemas mencionados. (ROSSI, 2000, p. 81)

Para Rossi, a experiência não foi negativa no plano científico e político, acreditava que realmente o anarco-socialismo foi instaurado na Colônia Cecília, onde “trezentas pessoas” das mais variadas representações da população italiana, como lavradores, operários, profissionais liberais e funcionários, puderam experimentar novas atitudes, comportamentos e reações.

As pessoas que viveram na Colônia Cecília, dispunham da liberdade para viver sem qualquer tipo de autoridade, mas devido a miséria todos foram “obrigados a se submeter o dia inteiro à escravidão do trabalho”, o que dificultava para a constituição do bem estar. Para Rossi (2000, p. 85) ninguém “pode gozar a liberdade de obter o supérfluo enquanto falta a todos o necessário”.

A família tradicional burguesa, foi o maior inimigo da nova vida social em liberdade anárquica, tendo na mulher a barreira aos ideais experimentalistas, por serem intelectualmente atrasadas, são “conservadoras” e insensíveis aos ideais de renovação:

As mulheres, [...], na Cecília, de modo geral, representam o egoísmo doméstico. Instaladas na cozinha e no armazém, sempre competiram para tirar proveito da propriedade coletiva. As parentes entre si procuravam monopolizar aquelas pobres coisas das quais podiam dispor. Viam com maus olhos os recém-chegados, que eram encarados como usurpadores dos poucos meios de sobrevivência. E recebiam as novas companheiras com frieza, fazendo-lhes grosserias de todo tipo. [...] (ROSSI, 2000, p. 85)

Com a saída definitiva de Giovanni Rossi da Colônia Cecília, ela deixa de existir para seu idealizador e criador, a colônia sobrevive por mais um ano, aproximadamente até abril de 1894, e devido novamente as rivalidades, os últimos colonos se separam e as terras são vendidas dissolvendo definitivamente o experimento socialista:

[...] Novamente, as rivalidades tomam uma tal amplidão que os últimos colonos são obrigados a se separar em abril de 1894, quando “o ativo da Cecília (é) vendido a um grupo desses camponeses de Parma que tinham provocado a crise”. Segundo Newton Stadler de Sousa, foram as famílias Agottani, Mezzadri e Artusi que permaneceram no local da Cecília. Precisamos que as famílias Artusi e Agottani são mesmo originárias de Parma, enquanto os Mezzadri são de Cremona. Segundo o número de 1932 da revista *Quaderni della Libertà*, são os camaradas Colli, de La Spezia e Agottani que exploram as terras da antiga colônia e, enfim, segundo Helena Mueller, são os Artusi que resgatam as terras, enquanto os Agottani trabalham no comércio em Palmeira. [...] (FELICI, 1998, p. 36)

## 11 CONCLUSÃO

Em virtude da implantação da Colônia Cecília na cidade de Palmeira – Paraná, no transitório momento histórico brasileiro, é assinalado o marco inicial do primeiro experimento socialista e do

Anarquismo na América Latina. Seu idealizador Giovanni Rossi, dedicou toda sua vida política e grande parte da sua produção intelectual em defesa do projeto de vida comunitária.

A Colônia Cecília foi em prática o laboratório para o estudo das atitudes humanas em convívio comunitário e teve como obstáculos os resquícios individualistas, a miséria e a família tradicional burguesa, esta combatida pelo seu idealizador através do ideal de “amor livre”.

Podemos concluir, que para Giovanni Rossi, seu objetivo de experimento socialista foi alcançado e a Colônia Cecília é o exemplo mais concreto de que se é possível instaurar uma comunidade baseada nos princípios anárquicos combatendo toda organização sistemática social capitalista.

## Notas:

<sup>1</sup> Anarquismo é o nome que se dá a um princípio ou teoria da vida e do comportamento que concebe uma sociedade sem governo, em que se obtém a harmonia, não pela submissão à lei, nem obediência à autoridade, mas por acordos livres estabelecidos entre os diversos grupos, territoriais e profissionais, livremente constituídos para a produção e consumo, e para a satisfação da infinita variedade de necessidade e aspirações de um ser civilizado. (KROPOTKIN, P. *Anarquismo*. In: TRAGTENBERG, Maurício (org). Kropotkin. Textos Escolhidos. 1987, p. 19)

<sup>2</sup> Em geral, o Socialismo tem sido historicamente definido como programa político das classes trabalhadoras que se foram formando durante a Revolução Industrial. A base comum das múltiplas variantes do Socialismo pode ser identificada na transformação substancial do ordenamento jurídico e econômico fundado na propriedade privada dos meios de produção e troca, numa organização social na qual: a) o direito de propriedade seja fortemente limitado; b) os principais recursos econômicos estejam sob o controle das classes trabalhadoras; c) a sua gestão tenha por objetivo promover a igualdade social (e não somente

jurídica ou política), através da intervenção dos poderes públicos. O termo e o conceito de Socialismo andam unidos desde a origem com os de COMUNISMO. (BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Vol.1. 11 ed. 1998, p. 1196-1197)

<sup>3</sup> As dificuldades da I Internacional foram grandes: pouca representatividade dos grupos operários, discussões acaloradas entre os anarquistas (Bakunin) e os comunistas (Marx). Enquanto Marx afirmava a necessidade de um período de “ditadura do proletariado” para se chegar ao comunismo, os anarquistas argumentavam que todo Estado é opressor, acreditando que se poderia passar diretamente do capitalismo para o comunismo. [...] Em 1872, os anarquistas foram expulsos da I Internacional, cujo conselho foi transferido para New York, onde se decidiu pelo seu fechamento, em 1876. [...] (FARIA, R.; MARQUES, A. & BERUTTI, F. *História*. Vol. 3. 1989, p. 155)

<sup>4</sup> Tradução da autora: “Anarquia nas relações sociais; amor na família; propriedade coletiva do capital; distribuição gratuita dos produtos na crise econômica; negação de Deus na religião”.

<sup>5</sup> Anarquismo comunista, [...] vê a realização plena do EU numa sociedade onde cada um for induzido a sacrificar uma parte da liberdade pessoal, mais precisamente a econômica, pela vantagem da liberdade social. Esta pode ser alcançada através de uma organização comunitária dos meios de produção e do trabalho e numa distribuição comum dos produtos, na proporção das necessidades de cada um, desde que nela sejam salvaguardados os princípios fundamentais do Anarquismo, a saber, o exercício das mais amplas liberdades para o indivíduo e para a sociedade. (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO. *Dicionário de política*. Vol.1. 11. ed. 1998, p. 24)

<sup>6</sup> Rossi, Giovaani. Colônia Cecília e outras utopias. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000, p. 29

<sup>7</sup> Há na historiografia uma versão propagada de que D. Pedro II havia doado as terras para que Giovanni Rossi implantasse seu experimento socialista. Essa versão, muitas vezes afirmada, é baseado no relato imaginário que Afonso Schmidt faz em seu romance *Colônia Cecília, romance de uma experiência anarquista*, que comporta grande número de elementos inverossimilhantes.

<sup>8</sup> A primeira Constituição republicana, promulgada em fevereiro de 1891 [...] inaugurou o sistema presidencialista de governo. [...], o Congresso elegeu Deodoro da Fonseca para a Presidência da República e Floriano Peixoto para a Vice-

Presidência. Deodoro entrou em choque com o Congresso ao pretender reforçar o Poder Executivo, tendo como modelo o extinto Poder Moderador. Fechou o Congresso, prometendo para o futuro novas eleições e uma revisão da Constituição visando fortalecer o Poder Executivo e reduzir a autonomia dos Estados. O êxito dos planos de Deodoro dependia da unidade das Forças Armadas, o que não ocorria. Ante a reação dos florianistas, da oposição civil e de setores da Marinha, Deodoro acabou renunciando (23-11-1891). Subia ao poder o vice-presidente Floriano Peixoto. (FAUSTO, 2001, p. 143)

<sup>9</sup> A autora acreditava que seus antecedentes teriam vindo em 1890, no primeiro navio, *Città di Roma*, porém os levantamentos históricos realizados nos mostram que a partida se deu no ano de 1891.

## Referências Bibliográficas:

- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Vol.1. 11. ed. Brasília: Ed. UNB, 1998.
- BOGO, Ademar. *Identidade e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- FARIA, R.; MARQUES, A. & BERUTTI, F. *História*, vol.3. Belo Horizonte: 1989.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- FELICI, Isabela. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Caderno AEL*, vol.5, n.8/9 p. 9-61, 1998.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1985.
- KOSHIBA, L. & PEREIRA, D. *História do Brasil no contexto da história ocidental*. 8.ed. São Paulo: Atual editora, 2003.



- KROPOTKIN, P. *Anarquismo*. In:  
TRAGTENBERG, Maurício (org.). Kropotkin.  
Textos Escolhidos. Porto Alegre, L&PM, 1987.
- MELLO NETO, Cândido. *O anarquismo experimental  
de Giovanni Rossi: de Poggio al Mare à Colônia  
Cecília*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 1998.
- PROUDHON, Pierre Joseph. *A propriedade é um  
roubo*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ROSSI, Giovanni. *Un Comune Socialista*. 5. ed. Milano:  
Corso Venezia, 1878.
- \_\_\_\_\_. *Colônia Cecília e outras utopias*.  
Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000.
- SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo da Colônia  
Cecília*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira,  
1970.
- SHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília: romance de  
uma experiência anarquista*. 3.ed. São Paulo:  
Brasiliense, 1980.
- WOODCOCK, George. *História das ideias e  
movimentos anarquistas: a ideia*. Vol.1. Porto Alegre:  
L&PM, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História das ideias e movimentos  
anarquistas: o movimento*. Vol.2. Porto Alegre:  
L&PM, 2008.